

Ocupação informal, alternativa ao desemprego

O comércio informal é uma das alternativas encontradas por pessoas que perderam o emprego nos últimos três anos ou que precisam complementar a renda familiar. É praticamente impossível deduzir quantos se dedicam às atividades comerciais sem serem cadastrados na Junta Comercial do DF. Em casa, treiler, em pontos fixos ou rotativos e nos mais diversos lugares, de preferência onde haja grande movimento de pedestres, lá estão os vendedores de roupas, calçados, acessórios pessoais, objetos domésticos ou produtos alimenta-

res. "É a economia correndo solta", como definiu um assessor do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Brasília (Sebrae/DF).

São comerciantes que compram os produtos por preços menores em outros estados, geralmente em São Paulo — vestuário e artigos de mesa e banho — ou Minas Gerais — confecções de cama — para revendê-los com margem de lucro aos brasilienses. Alguns lembram os "mascates" do início da construção de Brasília, que abriam suas malas

de casa em casa. Cerca de 600 foram beneficiados pelo governo, através da Administração Regional de Brasília, com pontos instalados no "camelódromo", entre a Rodoviária do Plano Piloto e a Torre de TV. Existem ainda os que vendem doces, salgados, pipocas, balas e chocolates e que são encontrados em todos os pontos da cidade.

Alguns adentram pelos ministérios e empresas estatais e privadas com a mala cheia de produtos e a sua lábia de ter a melhor mercadoria e o menor

preço, além das facilidades para o pagamento. E há também os que, mesmo perseguidos por fiscais e pela polícia, se orgulham de vender produtos "importados" do Paraguai. Em qualquer praça, proximidades de estabelecimentos comerciais, feiras ou paradas de ônibus estão os vendedores autônomos. Trazendo do videocassete ao carrinho de pilha, passando pelo sofisticado cachorro-quente cuja lingüiça vem acompanhada de ervilha, milho verde, tomate, queijo e batata-palha, além dos parceiros catchup e mostarda.